

UM OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO SUPERIOR DO TURISMO PARA UMA NOVA CIDADANIA INTERCULTURAL

Domira Fernandes de Araujo¹

Maria da Conceição Pereira Ramos²

RESUMO

Este artigo pretende fazer uma reflexão da educação superior do turismo para contribuir com a formação de uma cidadania intercultural que favoreça a integração das práticas educativas e inclusivas, promovida quando as relações humanas se tornam harmoniosas e cooperativas. O intercultural implica relação, diálogo e comunicação entre as diferentes culturas, através dos indivíduos e grupos portadores dessas culturas, na qual se encontram e interagem indivíduos, grupos e instituições originários de universos diferentes. Implica, igualmente, uma troca entre as diversas áreas do conhecimento (educação, economia, sociologia, psicologia, pedagogia, antropologia, meio ambiente, turismo, entre outras), cujos olhares interdisciplinares sejam capazes de levar diversas organizações desenvolverem propostas de educação voltadas para a integração, buscando conhecer os conceitos de cultura, da educação intercultural, do turismo, e compreender a importância do diálogo e desses olhares, numa perspectiva de interdisciplinaridade e de sustentabilidade.

Palavras-chave: educação superior, turismo, cultura, interculturalidade, sustentabilidade.

ABSTRACT

This paper aims to make a reflection of higher education, tourism to contribute to the formation of a citizenry that fosters intercultural integration and inclusive educational practices, as promoted human relations become harmonious and cooperative. The intercultural implies respect, dialogue and communication between different cultures, through individuals and groups with those cultures in which they meet and interact with individuals, groups and institutions originating from different universes. Also

¹ Professora da Fundação Visconde de Cairu – FVC (Salvador-Bahia). Doutora em Turismo e Desenvolvimento Sustentável – Universidade de Las Palmas de Gran Canaria-ULPGC - Espanha. Mestre em Turismo – ULPGC. Licenciada em História – Universidade Católica de Salvador-BA – UCSal. Atualmente em estágio de pós-doutoramento na Faculdade de Economia-FEP - Universidade do Porto-PT - Área da Economia dos Recursos Humanos. E-mail: domira21@yahoo.com.br; daraujo@fep.up.pt / <http://lattes.cnpq.br/4987913389631063>.

² Professora da Faculdade de Economia da Universidade do Porto - Portugal. Doutora em Ciência Econômica pela Universidade de Paris I – Sorbonne (França). Mestre em Economia dos Recursos Humanos pela Universidade de Paris I – Sorbonne. Licenciada em Economia da Universidade de Coimbra - Portugal. Investigadora no Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais (CEMRI), Universidade Aberta (Portugal). E-mail: mcramos@meo.pt; cramos@fep.up.pt

implies an exchange between different areas of knowledge (education, economics, sociology, psychology, pedagogy, anthropology, environment, tourism, among others), whose glances are able to lead interdisciplinary various organizations develop education proposals aimed at integration, seeking to understand the concepts of culture, intercultural education, tourism, and understand the importance of dialogue and of those looks from the perspective of interdisciplinarity and sustainability.

Keywords: higher education, tourism, culture, interculturality, sustainability.

INTRODUÇÃO

Temas como educação superior, cultura, cidadania, comunicação, meio ambiente, turismo, identidade, cidadania e sustentabilidade, conta, atualmente, com um expressivo número de publicações, vinda das mais diversas formas e/ou áreas do conhecimento, como artigos de opinião, notícias na mídia e especialmente, produção científica.

O processo de globalização da economia, da tecnologia e da comunicação tem mostrado não só a necessidade de comunicação entre diferentes culturas, mas entre as diversas áreas do conhecimento, conforme observou Alsina (1999), nas quais especialistas concordam que o incremento dos movimentos migratórios é cada vez maior, e que as facilidades dos transportes e acesso favorecem os contatos das pessoas por intercâmbios culturais, a exemplo do turismo, entre outros.

Essa globalização favoreceu o crescimento da tecnologia, dos meios de comunicação, das redes sociais, incorporadas naturalmente ao campo da educação. Diante desse cenário, a mundialização da educação superior é expressa pelas políticas e práticas dos sistemas acadêmicos e das instituições de ensino, com o objetivo de enfrentar este ambiente globalizado a fim de possibilitar maior interação da coletividade educacional:

Esse processo de interação no plano mundial, entretanto, não ocorre sem resistência, tendo origem nas questões da territorialidade e nos modos como ocorre o processo de socialização. Assim se reflete nas formas e processos educacionais em diferentes contextos culturais, marcando diferenças que podem ocasionar, por vezes, desentendimentos e hostilidades, não raro desencadeando situações de conflito e violência (SOGAYAR; REJOWSKI, 2011, p.283).

Para Araujo (2012), no caso do turismo, considerando que essa atividade apresenta-se como importante dimensão das modernas mobilidades

contemporâneas, uma análise sociológica contribui no entendimento dessa questão, tendo em vista o fenômeno da globalização e seu reflexo na interculturalidade.

Segundo Guimarães (2011), podemos perceber uma rede complexa de questões presentes na sociedade atual, muitas das quais não podem ser problematizadas apenas sob o olhar sociológico, mas também dos olhares de outras ciências como, economia, antropologia, história, geografia, psicologia, que buscam levar essa questão a um foro de discussão interdisciplinar e intercultural.

Ao considerar o turismo como um eixo de representação da sociedade contemporânea, Bauman (2003) faz uma distinção entre o turismo como metáfora para a vida contemporânea e o turismo como certo tipo de atividade.

Ao falar de turismo ou turistas como metáforas, o autor refere-se a aspectos da condição do turista em termos da experiência que implica em estar em algum lugar, situações que ocorrem ao mesmo tempo que as pessoas estão inseridas na companhia de outras, todos os dias, no seu cotidiano, nos lugares em que se vive ou se trabalha. Essa característica da vida contemporânea é o que Bauman (ibid) chama de “tourist syndrome”.

Para Urry (1996), e outros sociólogos, a mobilidade contemporânea também está relacionada às questões de reflexividade. Assim, é possível refletir, a partir de algumas perspectivas teóricas, sobre a mobilidade no turismo e suas dinâmicas globais. É nesse contexto que autores como Urry (ibid) referem-se a um paradigma da mobilidade, como proposta para novas análises sobre os novos cenários com os quais nos defrontamos.

Como destaca Duque (2005), ver o mundo com outros olhos é descobrir o outro diferente. É saber que não pensamos todos da mesma maneira e que não gostamos todos das mesmas coisas, criando a partir daí, pontes para nos entendermos melhor.

Se pensarmos que no mundo atual, a necessidade de comunicação entre diferentes culturas se intensifica a medida que nos deparamos com conflitos e interações sociais cada vez mais complexos, a educação e a interculturalidade estão relacionados, no sentido de atender a essa pluralidade. Pesquisas recentes em educação consideram essa perspectiva e já falam em ensino de forma intercultural.

O intercultural implica relação, diálogo e comunicação entre as diferentes culturas, através dos indivíduos e grupos

portadores dessas culturas, em situações interculturais diversas, ou seja, em situações, na qual se encontram e interagem indivíduos, grupos e instituições originários de universos culturais diferentes (RAMOS, 2009, p.19).

Não se trata, simplesmente, de reconhecer as diferenças culturais, mas sim de como atender suas demandas. É preciso compreender e determinar até onde esse reconhecimento é justo, legítimo e possível dentro de nossas condições socioeconômicas.

Para Walesko (2006), o contato permanente com outros povos e culturas, facilitado pelo enorme avanço dos meios de transporte e comunicação, exigem que a educação se volte à formação de cidadãos com acesso à diversidade cultural, seja ela de línguas estrangeiras, ou de qualquer outro conteúdo escolar que caracteriza todo o processo de ensino/aprendizagem.

Aprender é antes de tudo, estar incluído e participando na criação, não só de produtos da cultura como também de processos sociais, de criação dessa cultura, de processos que conduzem a uma mudança na qualidade do compromisso, da participação, do respeito ao pensamento distante, de sentimentos de solidariedade (BRANDÃO, 1986, p.5, apud BARTOLOMÉ, 2000, p.131).

Para Santos (2004, apud WALESKO, 2006), interculturalidade compreende atitudes comprometidas com princípios orientados para o respeito ao outro, às diferenças, à diversidade cultural, que caracteriza todo o processo de ensino/aprendizagem, seja ele de línguas ou de qualquer outro conteúdo escolar, na tentativa de promover a interação, a integração e cooperação entre os indivíduos de diferentes mundos culturais. “É o esforço para se partilhar as experiências, antigas e novas, de modo a construir novos significados”. (SANTOS, 2004, p. 154 Apud WALESKO, 2006, p.26).

Aprender implica, antes de mais, nas palavras de FREIRE, (1983), “aprender a ler o mundo”, ou seja, adquirir instrumentos para conhecer e interpretar o que se passa à nossa volta e agir de forma autônoma e coerente.

O presente artigo apresenta algumas reflexões teóricas sobre a questão da interculturalidade relacionada à educação, no âmbito de um mundo globalizado, em especial na formação de professores, na perspectiva de dialogar com as diferentes áreas do conhecimento, ancorada nos autores que balizam a referida questão, sinalizando para a necessidade de comunicações entre diferentes culturas, em especial na educação superior, na cultura, e no turismo, com principal realce à

interculturalidade como uma atitude a ser desenvolvida durante o processo formativo.

O texto compreende três partes. Na primeira parte, aborda de modo geral, a interculturalidade relacionada à educação, à luz dos conceitos mais avançados da literatura sobre o assunto. Em seguida, estabelece um diálogo entre educação e cultura, na perspectiva de uma educação plural. A terceira parte expõe sobre o turismo e seu reflexo na interculturalidade, e fecha com algumas considerações sobre a educação entre as diferentes culturas, como pressuposto para o entendimento de uma sociedade mais igual.

EDUCAÇÃO E INTERCULTURALIDADE

O conceito de intercultural se faz a partir do momento em que há uma preocupação de comunicação entre os indivíduos portadores de diferentes culturas, estabelecendo um intercâmbio que entre pessoas, para a construção de conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas Walsh (2001, p. 10-11), “a interculturalidade é [...] um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade”.

O princípio da interculturalidade não implica em simplesmente reconhecer o valor de cada uma dessas culturas e defender o respeito entre elas. Mais que isso, a interculturalidade apresenta-se como um princípio que fornece elementos consistentes que permitem provocar o enfrentamento e a posterior busca de soluções para os conflitos desse relacionamento, em todas as suas dimensões (VIEIRA, 1999, p. 5):

O conceito de intercultural implica as noções de reciprocidade e troca na aprendizagem, na comunicação e nas relações humanas. É evidente que o intercultural não está liberto dos discursos ideológicos, inspirados fundamentalmente numa ética humanista, que deseja um ideal de diálogo, de respeito pelas diferenças, de compreensão mútua, etc. Por isso há que evitar, na medida do possível, as atitudes normativas e situarmo-nos mais nos processos de encontro intercultural, quer dizer, em factos.

Reconhecendo a valor da diversidade cultural e interculturalidade em educação superior, a UNESCO (2007), desenvolve um projeto de investigação sobre

experiências de Instituições Educativas (IES) da América Latina, dedicadas a atender necessidade e demandas de formação de comunidades indígenas e afro descendentes, assim como formular recomendações políticas com relação à educação superior, com observações entre este campo e outros temas de grande importância regional, como inclusão social, a ciência e a tecnologia no desenvolvimento sustentável.

A UNESCO tem sido a organização internacional que mais se tem dedicado as questões de diversidade, diálogo inter-religioso e educação intercultural. Segundo Carneiro (2008), a educação será orientada no sentido do pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. A educação promoverá a compreensão, a tolerância e a amizade entre todas as nações e grupos raciais ou religiosos, e coadjuvará as atividades das Nações Unidas em prol da manutenção da paz.

No ano de 2006, a UNESCO produziu e editou um *Guia de Educação Intercultural*, que recolhe as melhores práticas em matéria de formação e consolida uma considerável reflexão teórica de suporte. Tal preocupação reflete a atenção crescente, devotada à relação estreita entre cultura e educação, que encontrou pleno acolhimento no “Compromisso de Rabat” sobre o Diálogo de Culturas e Civilizações³ (Rabat, Marrocos, 14-16 de Junho de 2005, p.32).

Defender o princípio da interculturalidade significa prestar atenção à nossa prática diária e combatermos todas as atitudes discriminatórias no contato com a diferença, seja ela de nível cultural, de aspecto físico, de nacionalidade, de religião. Este é um momento muito apropriado para fomentar mudanças na formação intercultural que se oferecem nos centros de formação, uma vez que os mesmos deverão se preparar para novas situações. Para Araújo (2010), as pesquisas recentes em educação consideram essa perspectiva e já falam em Ensino Intercultural, Pedagogia Intercultural, Educação Intercultural.

Segundo Llamas (2005), para conseguir este objetivo, recomenda especial atenção à formação do professorado, com o fim de sensibilizar para as novas realidades sociais, considerando que a necessidades de integração de pessoas, cultura de forma integral e simultânea requer habilidade e flexibilidade, entendendo que a educação intercultural, deve atuar como promotora e dinamizadora de uma

³ □ Disponível em: <http://www.unesco.org/dialogue/rabat/commitment.html> (acesso em: 08 jul. 2008).

sociedade que eduque e de uma educação que integre, uma vez, que mediante a educação, dificuldades e conflitos poderão ser evitados.

É preciso garantir a formação em termos de valores cidadania, conhecimentos científicos e preparação para o mercado de trabalho. Também a colaboração entre escolas, empresas e famílias poderá conduzir à formação para a cidadania, conhecimento e empregabilidade (RAMOS, 2003, p. 262).

DIÁLOGO INTERCULTURAL

O diálogo intercultural requer o empoderamento de todos os participantes por meio da capacitação e de projetos que divulguem a interação sem a perda da identidade pessoal ou coletiva (UNESCO, 2006, p.12).

Educação Intercultural, enquanto instrumento, nos ajuda a situar e a intervir no mundo que nos rodeia, e se inscreve numa perspectiva mais ampla, a educação para a cidadania, na qual a coesão social aparece associada à valorização da diversidade. No plano das representações sociais ou ideológicas, a interculturalidade surge como uma nova visão do homem.

Para isso há que pensar numa educação plural, o que implica reestruturar o conjunto de atitudes que em cada um de nós é responsável pelas representações que temos dos outros. Toda rua, bairro, cidade ou país, possui sua identidade, uma bagagem cultural e histórica que os moradores da localidade criaram com o passar dos tempos. Esta identidade é muito particular e é capaz de atrair a simpatia dos visitantes justamente por sentirem dentro do contexto histórico do lugar e conhecerem, conviverem e desfrutarem de hábitos de uma cultura totalmente diferentes da sua.

Para Carneiro (2008), educar para a interculturalidade, na concepção da palavra, consiste também em educar os olhares sobre o mundo e aprender a apreciar substantivamente o próximo ou semelhante. Dito de outro modo, é conquistar para a descoberta extraordinária do outro, pelo exercício sistemático da escuta e pela procura do sentido do universal que pode habitar no diferente.

Significa adotar a perspectiva do intercultural como processo de diálogo, comunicação entre pessoas ou grupos pertencentes a culturas diferentes (nacionalidades, origem social, gênero, ocupação, etc.), que promove a integração e

o respeito à diversidade e permite ao educando encontrar-se com a cultura do outro sem deixar de lado a sua própria, ou seja, incentiva o respeito a outras culturas, a superação de preconceitos culturais e do etnocentrismo. “Assim sendo, ao trabalhar em uma perspectiva intercultural, o educador estará contribuindo para a construção de uma visão de mundo, de uma leitura da realidade consciente da pluralidade social e cultural de nosso contexto atual” (WALESKO, 2006, p.27).

A cultura determina o contexto, os quadros de referência, as crenças e os modos de valorar a educação. Por seu turno, a educação é a condição de sobrevivência, de enriquecimento e de transformação da cultura. O diálogo entre cultura e educação é inesgotável.

O diálogo entre as pessoas com diferentes valores pode estreitar os laços de amizade, aprofundar o conhecimento libertando uma série de preconceitos e no caso do turismo, controlado por uma indústria interessada em prover a satisfação entre visitantes e visitados, ameniza o choque cultural, podendo em escala global promover o crescimento da oferta e do fluxo turístico e atenuar as diferenças entre os povos, pois são justamente estas diferenças que muitas vezes atraem o visitante que procura fugir do estresse da vida cotidiana.

TURISMO E INTERCULTURALIDADE

Com razão, podemos dizer que o mundo hoje tende ser um mundo intercultural e o turismo tem ajudado esta aproximação das pessoas e dos povos. As viagens, por exemplo, podem ser entendidas como um encontro com o outro. Esta ideia expressa a necessidade de crescermos, confrontando as nossas maneiras de ser e de estar no mundo e experimentar outras vivências num processo dinâmico de troca (ARAUJO, 2013, p. 44).

Viagens implicam em aceitação das diferenças e da diversidade e significa experimentar outras vivências num processo dinâmico de troca, através da prática do turismo, entendido aqui, a partir de um olhar que valorize as redes de relações socioculturais estabelecidas em seus espaços. As conceituações elaboradas por Banducci Jr. (2001) e Moesch (2002) revelam-se mais adequadas. Estes autores tratam o turismo como “fenômeno social” por ser uma “combinação complexa de inter-relacionamento” (MOESCH, 2002, p. 9). O turismo passou a ser a forma mais

procurada de lazer e, na atualidade, fazer turismo tornou-se uma aspiração de todos os incluídos na sociedade global de consumo (BANDUCCI JR., 2001, p. 8).

Barreto (2003) realiza quase que uma “crônica” dos estudos de antropologia aplicada ao turismo e constatam que a maior parte desses estudos tem focalizado, em especial, os impactos nas culturas receptoras, os processos de aculturação e as questões de autenticidade, requerendo programas e ações que interajam indivíduos, grupos e instituições com o universo local, na perspectiva de um desenvolvimento sustentável.

A partir da percepção das relações interpessoais proporcionadas pela atividade turística podemos vislumbrar os diversos aspectos que podem ser abordados pela antropologia. Ramos e Figueiredo, (2009), afirmam que somente há pouco mais de meio século, pesquisadores da área de Ciências Sociais mostraram-se motivados a estudar o turismo, o que para Barreto (2003) é um paradoxo.

Programas como o Observatório do Desenvolvimento Humano (PODH)⁴ objetiva consolidar a integração entre ensino, pesquisa e extensão, através de uma experiência acadêmica que visa o desenvolvimento humano, levando o Mestrado de Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social - MDHRS da Fundação Visconde de Cairu a cumprir o seu papel social como organização do terceiro setor, desenvolvendo um projeto piloto na Ilha de Maré⁵, não apenas nas questões infra estruturais, mas buscando uma participação política e social por parte da população.

Ilha de Maré é considerada como das regiões mais pobres da capital baiana, com carências especiais nas áreas de saúde, educação, transporte e segurança pública. Contudo, a ilha desperta o interesse dos visitantes pelo grande potencial humano, notáveis na culinária e na produção artesanal, sem contar os muitos atrativos naturais que a fazem uma das mais concorridas paradas nos passeios marítimos pela Baía, tendo no turismo, uma importante atividade estratégica local, principalmente no que se refere ao seu patrimônio cultural e natural.

Conforme Araujo (2001), o turismo tem registrado, sobretudo para as cidades, um aumento sem precedentes de contatos entre as cultura, colocando importantes desafios à formação e qualificação dos recursos humanos nessa área. Tratando-se

⁴ Programa do MDHRS, com base nos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD).

⁵ Localizada na Baía de Todos os Santos, maior baía do Brasil e segunda maior do mundo, um distrito isolado de Salvador-BA.

de educação em turismo, é reconhecida a sua relevância, ainda que não seja tão destacada, como em outras esferas do conhecimento, por ser esta formação superior, relativamente recente (ARAUJO, 2012, p.296).

Utilizar as ferramentas adequadas e desenvolver o turismo em uma localidade é estimular o turismo sustentável, capaz minimizar os impactos, estabelecer a comunicação e ainda movimentar a economia do local.

Há que promover o turismo sustentável e o eco-negócio de diversas formas, respeitando a herança cultural, os recursos naturais, os modos de vida e desenvolvimento económico e mantendo ao mesmo tempo a coesão social e a sua identidade. No turismo, a adaptação às mudanças climáticas modifica a forma de viajar das pessoas, podendo afectar o emprego neste sector (RAMOS.C., 2011 p.2).

E muitas vezes é essa identidade que provoca a interação entre o turista e o meio receptivo e o fruto desta interação é a troca de experiências que muitos turistas procuram nessa a abertura de fronteiras, para a entrada de novas culturas o que é bom tanto cultural com economicamente.

A realidade atual exige uma reflexão cada vez menos linear, e isto se produz na inter-relação entre saberes e práticas coletivas, que criam identidades e valores comuns, e ações solidárias, face à re-apropriação da natureza, numa perspectiva que privilegia o diálogo entre saberes (JACOBI, 2003, p.3).

O papel que o fenômeno turístico exerce para com a humanidade é objeto de estudo em diversas áreas do conhecimento científico. Segundo Gastal (2005), a comunicação intercultural e interpessoal, pode facilitar a aproximação entre as pessoas de culturas diferentes para o turismo, assim como para a sociedade, tanto como a compreensão e respeito das diversas culturas através do diálogo entre o visitante e o visitado. Porém conhecer os resultados desta interação entre os povos e garantir categoricamente a influência do turismo para com a paz mundial é uma visão bastante positiva, messiânica e quem sabe ilusória para muitos.

Esse processo de interação no plano mundial, entretanto, não ocorre sem resistência, tendo origem nas questões da territorialidade e nos modos como ocorre o processo de socialização. Assim se reflete nas formas e processos educacionais em diferentes contextos culturais, marcando diferenças que podem ocasionar, por vezes, desentendimentos e hostilidades, não raro desencadeando situações de conflito e violência (COOPER, 2007).

Embora o turismo tenha sido ensinado, discutido e vivenciado sob a ótica de uma atividade econômica, com visão mercantilista, é importante ressaltar, sem desmerecer os efeitos econômicos positivos da atividade, seus desdobramentos no ambiente social, político, cultural e ambiental; ou seja, distinguir apenas uma de suas faces pode ser desastroso no planejamento e na articulação da atividade para a sustentabilidade integrada dos destinos turísticos.

Tal reflexão perpassa, obviamente, por questões singulares como a cidadania, o ambiente, a ética, a sustentabilidade e a necessidade de inclusão social, pois estas e outras questões correlatas não são exclusivas do setor público, mas de toda a sociedade. Sendo assim, as instituições de ensino superior também devem tratar dessas questões em suas salas de aula. (PANOSSO NETTO; TRIGO, 2003).

Compreender a atividade turística é uma tarefa um pouco mais simples do que o seu impacto para humanidade, mas se este fenômeno serve como facilitador da paz internacional é por que a relação de troca intercultural não demonstrou ainda uma ameaça aos esquemas mentais arquivados e sendo assim a comunicação interpessoal proporcionada pelo turismo que é tão amplamente estudada, pode ser útil a realização da paz entre os povos.

CONSIDERAÇÕES

Há ainda muito a fazer para uma educação estruturada numa perspectiva de cidadania, onde as pessoas individuais ou coletivamente constroem valores que lhes permitem autonomia social, política e econômica, tendo como projeto a construção da dignidade humana.

Esta realidade evidencia a necessidade de que os estabelecimentos de ensino superior deveriam elaborar uma política sistemática de formação permanente no domínio do ambiente. Nesse sentido, a produção de conhecimento deve necessariamente contemplar as inter-relações do meio natural com o social, incluindo a análise dos determinantes do processo:

O papel dos diversos atores envolvidos e as formas sociais que aumentam o poder das ações alternativas de um novo

desenvolvimento, conduz a uma perspectiva que priorize um novo perfil de desenvolvimento, com ênfase na sustentabilidade sócio-ambiental (JACOBI, 2003, p.1).

Diante dos desafios esperados pelo futuro, a educação surge como um triunfo indispensável, para que a humanidade tenha a possibilidade de progredir na consolidação dos ideais da paz, da liberdade e da justiça social.

A educação para a cidadania representa a possibilidade de motivar e sensibilizar as pessoas para transformar as diversas formas de participação em potenciais caminhos de dinamização da sociedade e de concretização de uma proposta de sociabilidade baseada na educação para a participação (JACOBI, 2003, p. 5).

No desfecho de seus trabalhos, a UNESCO, Comissão faz questão de afirmar sua fé no papel essencial da educação para o desenvolvimento contínuo das pessoas e das sociedades: não como um remédio milagroso, menos ainda como um de um mundo que tivessem realizado todos os seus ideais, mas como uma via – certamente, entre outros caminhos, embora mais eficaz – a serviço de um desenvolvimento humano mais harmonioso e autêntico, de modo a contribuir para a diminuição da pobreza, da exclusão social, das incompreensões, das opressões, das guerras.

Os estudos recentes de capital social, levados a cabo pelas mais reputadas instâncias acadêmicas e pelas agências de desenvolvimento, são bem elucidativos quanto à impossibilidade de progresso sem cultura, quanto ao imperativo de associar criação de riqueza com coesão social e confiança entre as pessoas. A esse teorema sucede naturalmente um outro que é o do desafio do desenvolvimento sustentável com multiculturalidade e diversidade.

As pessoas não valem apenas por si, individualmente, senão pela sua integração em comunidades fortes, eficientes e produtivas. Pessoas propensas ao diálogo com base no que descobrem, permanentemente, do que têm em comum com as outras. Pessoas que não temem pensar por si e sentir com as outras. Pessoas que lutam contra a fatalidade do confronto predatório de identidades (CARNEIRO, 2008, p. 34).

Surge, dessa maneira, um novo desafio, agora posto para as próprias Instituições de Ensino. Que proposta político-pedagógica deve nortear a universidade capaz de construir currículos e práticas pedagógicas que sustentem as

tensões e os conflitos entre as culturas para que a diferença seja respeitada? Exige-se das universidades repensarem suas metodologias de ensino, superando a fragmentação e questionando o saber academicamente sedimentado, que perpassa e está subjacente em nossas práticas pedagógicas, objetivando o *exercício constante da interculturalidade*. Exige-se das universidades novos saberes, novos fazeres (NASCIMENTO, 2006).

Por isso, as propostas de educação superior, a exemplo da educação fundamental e média, devem caracterizar-se pela flexibilidade e permeabilidade, abrindo espaço, especialmente, para a pesquisa, exigência para que seja possível a interculturalidade, permitindo aos alunos esse constante alinhamento, capaz de tornar esse mundo mais intercultural.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, D.F. **Educação Superior, Turismo e Interculturalidade**: um novo olhar da educação para uma nova cultura. Perspectivas de educação ambiental no constructo da interculturalidade/Org. ARAÚJO, M.I.O. Ed. Criação, 2013. ISBN 978-85-62576-41-6.

ARAUJO, D.F. **Inserción del profesional con formación superior en turismo en el mercado laboral**. Polo turístico Salvador e Entorno Bahía, Brasil. Investigaciones sobre docencia universitaria y nuevas metodologías. Educación Editora. 2012. ISBN: 978-84-155524-02-1.

ARAUJO, D.F. **Formación Profesional en Turismo e Inserción en el Mercado Laboral**: Un estudio de caso del Polo Turístico Salvador/Bahia, Brasil y su Entorno. Estudios e Perspectivas en Turismo. Volumen 10, Revista CIET, 2011, Buenos Aires.

ARAÚJO, P.C.A. **Educação Intercultural**: encontro entre culturas, diálogo de saberes. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (SECAD/MEC) Vitória-ES, 2010.

ALSINA, M.R. **Comunicación Intercultural**. Ed. Anthopos. Barcelona-Espanha, 1999.

BANDUCCI, Jr. BARRETTO. M. (Org.). **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas: Papirus, Coleção Turismo, 2001.

BARRETO, M. **O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo.** Horizontes Antropológicos.Vol.9, n. 20. P. 15-29, 2003.

BARTOLOMÉ, P.M. (Coord) **Identidad y Ciudadanía: Un reto a la educación intercultural.** 2ª. Ed. Narcea, S.A. de Ediciones. Madrid-Espanha, 2008.

BARTOLOMÉ, P.M.; CABRERA, F. **Sociedad multicultural y ciudadanía: hacia una 86 sociedad y ciudadanía intercultural:** In: Revista de Educación, número extraordinario, pp. 33-56, 2003.

BAUMAN. Z. **Tourist Studies.** London, v 3 (2), 205-217, 2003.

CARNEIRO.R. **Educação Intercultural.** Coleção Portugal Intercultural Estudos Históricos sobre o Intercâmbio de Povos e. Culturas. Volume IV - Desafios à Identidade. Disponível: http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Col_Percursos_Intercultura/4. <http://www.oi.acidi.gov.pt/modules.php?name=Content&pa=showpage&pid=44> Acesso em: 09 nov. 2012.

COOPER, C. **Turismo: princípios e práticas.** 3 Ed. Artmed: Porto Alegre, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido,** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.

GASTAL, S. **Turismo, imagens e imaginários.** Série/Coleção:ABC do Turismo, 1ª.Edição. Editora Aleph Número de ISBN: 85-7657-010-6 – 96 páginas, 2005.

GUIMARÃES, Vera. **Globalização e mobilidade:** As condições de mobilidade contemporânea e as práticas turísticas. Revista Contemporânea, Ed.18 Vol.9 Nº2, 2011.

Disponível: www.contemporanea.uerj.br. Acesso em: 09 nov. 2012.

DUQUE, B. **Um livro... Uma história... Interculturais.** Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas. (Coord. Científica: Maria Augusta SEABRA Diniz). ACIME, 2005. http://www.entreculturas.pt/Publicacoes.aspx?to=236ec.europa.eu/culture/documents/um_livro_uma_historia_portugal.pdf. Acesso em: 10 dez. 2011.

JACOBI, P. **Educação Ambiental, Cidadania e Sustentabilidade.** Cadernos de Pesquisa - vol. 118- março 2003- Fundação Carlos Chagas.

LLAMAS, J.G. **Educación Intercultural: Análisis y Propuestas.** Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED). Revista de Educación, nº 336, pp. 89-109, 2005.

MOESCH, M. **A produção do saber turístico.** São Paulo: Contexto, 2002.

NASCIMENTO, Adir C. **Populações Indígenas, Universidade e Diferença.** In: *Anais da ANPED - Centro Oeste.* Cuiabá, 2006.

RAMOS.N.P. **Diversidade cultural, educação e comunicação intercultural – políticas e estratégias para a promoção do diálogo intercultural** p. 9-32. Revista

Educação em Questão. V. 34, n. 20, jan./abr. 2009. ISSN0102-7735. Natal | RN, v. 34, n. 20, jan./abr. 2009. Editora UFRN. Disponível: www.revistaeduquestao.educ.ufrn.br. Acesso em: 10 ago. 2011.

RAMOS, M.C.P. **Ação Social na Área do Emprego e da Formação Profissional**. Universidade Aberta. Lisboa, Portugal, 2003.

RAMOS, M.C.P. **Ambiente, educação e interculturalidade**. Palestra - I Colóquio Luso-Brasileiro de Educação, Meio-Ambiente e Interculturalidade, Aracaju, agosto-2011.

RAMOS, K.V., FIGUEIRÊDO, A.M.L. **Cultura e Turismo**: um estudo sobre as trocas interculturais na prática turística. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil, 2009.

SOGAYAR, R.L. REJOWSKI, M. **Ensino superior em turismo em busca de novos paradigmas educacionais**: problemas, desafios e forças de pressão. Revista Turismo e Ação – Eletrônica, Vol.13 – nº 03- p. 282-289 / set-dez 2011. ISSN: 1983-7151.

Disponível: www.univali.br/revistaturismo - Acesso em: 19/08/2012.

TRIGO, L. G. G.; PANOSSO NETO, A. **Reflexões sobre um novo turismo**: política, ciência e sociedade. São Paulo: Aleph, 2003.

UNESCO. **Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural**. Relatório Mundial. Cap. I, (ISBN nº978-92-3-104077-1, 2009).

Disponível: <http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001847/184755por.pdf>. Acesso 19 ago. 2012.

_____. **Diversidad Cultural e Interculturalidad en Educación Superior**. Experiencias en América Latina. Instituto Internacional de la UNESCO para la Educación Superior en América Latina y el Caribe IESALC-UNESCO, 2008.

Disponível: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001375/137520e.pdf> - UNESCO Perspectives of multiculturalismo. Acesso em: 10 dez. 2011.

VIEIRA, R. **Ser inter/multicultural**. Edição: N.º 78. Ano 8, Março 1999. Escola Superior de Educação de Leiria-ESSE - Centro de Investigação Identidades e Diversidades – CIID, 1999.

WALESKO, A.M.H. **A interculturalidade no ensino comunicativo de língua estrangeira**: um estudo em sala de aula com leitura em inglês. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFPR, Curitiba, 2006.

WALSH, C. **La educación Intercultural en la Educación**. Revista Brasileira de Educação. Print version ISSN 1413-2478. Vol.13no. 37, Rio de Janeiro Jan./Apr. 2008.

<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782008000100005>. Acesso em: 10 dez. 2011.

URRY, John. **O olhar do turista**: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. São Paulo: Studio Nobel, SESC, 1996.